



## As disciplinas do Folk<sup>1</sup> e as relações com Mário de Andrade

Luiz Adriano Daminello

Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp),  
Faculdade Cásper Líbero (FCL), Faculdade Anhembí-Morumbi.<sup>2</sup>

### Resumo

O presente trabalho analisa as metodologias empregadas para o estudo do folclore, na sua condição de ciência ou não, e descreve as disciplinas que se dedicam à sua pesquisa, como a Antropologia, a Etnografia, a Etnologia, a Etnomusicologia e a Folkcomunicação. O objetivo final é identificar a possível relação entre essas disciplinas e o trabalho de pesquisa folclórica realizado por Mário de Andrade, desde a escrita do livro *Macunaíma* em 1927 até a realização da Missão de Pesquisas Folclóricas em 1938, e a mudança do foco do registro folclórico no mundo globalizado pelos meios de comunicação eletrônicos.

### Palavras-chave

Folkcomunicação, etnografia, etnomusicologia, folclore, música.

### Corpo do trabalho

Povo é um termo singular, usado para definir uma pluralidade difícil de determinar. É o nome de parte da humanidade que representa quase que a sua totalidade e que por isso é objeto de estudo das Ciências Humanas. A cultura por ele produzida é a cultura popular. Folk é outro termo usado para definir Povo, mas um grupo mais restrito dentro dele, de pessoas de pouca erudição e, principalmente, de pouco contato com quem é dotado de erudição. O termo Folk surgiu nas línguas germânicas. A cultura produzida pelo Folk, foi chamada de *folklore* em 1846 pelo inglês William J. Thoms. O folclore passou então a ser objeto de admiração e pesquisa de algumas disciplinas que tentaram documentá-lo, analisá-lo e até copiá-lo. Esse interesse surgiu lá pelo séc. XVIII e muitos eruditos que se dedicaram a esse conhecimento passaram a ser chamados de folcloristas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Folkcomunicação.

<sup>2</sup> Formado em Cinema pela ECA-USP, dirigiu além de curtas, a série Mário e a Missão com duração de 270 min, que refaz a Missão de Pesquisas Folclóricas de Mário de Andrade. Atua como professor de Fotografia e Iluminação, sendo professor palestrante na USP e professor contratado na Faculdade Cásper Líbero e na Faculdade Anhembí-Morumbi. Cursando Mestrado no Departamento de Múltiplos Meios da Unicamp, desenvolvendo pesquisa em cinema documentário antropológico. [ldaminello@uol.com.br](mailto:ldaminello@uol.com.br).

Segundo Burke (1989)<sup>3</sup> o folclore despertou o interesse dos homens cultos no momento em que começou a correr o risco de desaparecer por causa da Revolução Industrial.

Foi com o nome de Folclore que a cultura popular principiou a ser sistematizada e a receber a delimitação dos marcos de suas fronteiras. O termo, um neologismo criado pelo arqueólogo William John Thoms, surgiu na Inglaterra, em 1846, duas décadas antes de Edward Tylor introduzir um termo similar, "cultura", entre os antropólogos de língua inglesa. (...) A proposição de Thoms provocou interesse entre cientistas ingleses, como Andrew Lang, George Gomme e Edward Tylor. Com a participação de Thoms, fundam, em 1978, a "Folklore Society", associação científica que objetivou discutir a abrangência do termo. Concluíram com algumas proposições: I - narrativas tradicionais (contos, baladas, canções, lendas); II - costumes tradicionais (jogos, festas e ritos consuetudinários); III - superstições e crenças (bruxarias, astrologia, práticas de feitiçarias); IV - linguagem popular (nomenclatura, provérbios, adivinhas, refrões, ditos).

Esses estudos correntes na Inglaterra vão se estender a outros países da Europa, como a França (onde se destacam Paul Santyves, Arnold Van Gennep, Jean Paul Sébillot). Itália (com os estudos de Raffaele Corso e Guiseppe Pitré), Bélgica (com Albert Marinus). O movimento europeu chega ao Novo Continente, mais especificamente aos Estados Unidos, em 1888, onde é criada a "American Folklore Society", fundada por Franz Boas. Neste país, os estudos de folclore foram absorvidos pelas universidades e desenvolveram-se paralelamente à antropologia, quase como uma especialidade, gozando de autonomia.<sup>4</sup>

Do que se conclui que a cultura popular é aquela que difere da produzida nos meios eruditos. O folclore não representa toda a cultura popular, mas uma parte dela. A parte produzida pelo povo nos moldes de antes do princípio da industrialização. Uma outra cultura popular existe, geralmente associada ao povo urbano e produzida dentro dos processos industriais. *“A cultura popular pode ser definida tanto como cultura folk em sociedades pré-industriais, quanto como cultura de massa nas sociedades industriais”*<sup>5</sup>

Enquanto a “cultura popular” já teve conotações diversas, desde o sentido pejorativo de algo de má qualidade, até o sentido de algo apreciado por muitos. O conceito “folclórico”, sempre esteve representando para os estudiosos uma cultura popular considerada de melhor qualidade. O seu estudo foi se inserindo em alguns campos das Ciências Humanas, criando disciplinas novas de estudo que continuam crescendo.

---

<sup>3</sup> BURKE, Peter. *A cultura popular na idade moderna*. São Paulo, Cia. Das Letras, 1989

<sup>4</sup> FRADE, Cásia. *Folclore/Cultura Popular: Aspectos de sua História*.

<sup>5</sup> STRINATI, Dominic. *Cultura popular: uma introdução*. São Paulo, Hedra, 1999



## **A Etnologia, a Etnografia e a Antropologia**

Como defende Levi Strauss, a etnologia, a etnografia e a antropologia não são três ciências diferentes, mas três estágios do estudo dos costumes do homem e de seus comportamentos sociais e familiares através de suas práticas culturais e religiosas.

A etnografia seria o trabalho de campo, onde ocorre a observação e descrição. A etnologia já seria primeira síntese feita a partir dessa observação. A antropologia seria uma segunda etapa de síntese, que levasse às conclusões mais abrangentes sobre o conhecimento do homem. O que inicialmente diferenciava os estudos da etnografia dos estudos do folclore não era o método, mas o objeto de interesse. A etnografia era o estudo do homem primitivo e selvagem. O folclore era o estudo feito pelo homem civilizado, da cultura do povo de sua própria sociedade, ou seja, de seu equivalente.<sup>6</sup>

No estudo da história da antropologia, descobriremos que no começo eram os viajantes os etnólogos e folcloristas. Eles quem primeiro se preocuparam com a cultura popular ao terem contato com sociedades exóticas e desconhecidas que abrangiam o conjunto dos continentes. Estão entre os pioneiros das Ciências Humanas, sem metodologias ainda, mas tomados pela curiosidade.

Entre a Revolução e a queda do Primeiro Império, nasceu um novo universo; essa época-limite entre dois mundos, o do Antigo Regime, fundado na revelação, e o mundo novo, aberto à experiência, preparou diretamente o advento das ciências do homem, que na maior parte vão nascer no século XIX. A pesquisa dos eruditos e dos viajantes é frequentemente para-etnológica, mas sua finalidade foi fundar, para além das discussões teóricas da filosofia ou das aproximações literárias, uma ciência do homem, compreensiva (abarcando as diversas atividades humanas e os diferentes aspectos físicos e morais do homem) e objetiva (desembaraçada de todo preconceito filosófico e religioso).<sup>7</sup>

Nesse primeiro momento esses viajantes, quer por conta própria, quer patrocinados por organismos oficiais ou sociedades eruditas, trazem dados sobre populações do mundo ameríndio ou asiático. Mas não se contentam em apenas apresentá-lo, tentam fazer, junto com os filósofos e naturalistas, uma primeira interpretação. É engraçado, já demonstrando uma tendência dos futuros folcloristas,

---

<sup>6</sup> NETO, Paulo de Carvalho. *The Concept of folklore*. Florida. University of Miami Press. 1971

<sup>7</sup> POIRIER, Jean. *História da Etnologia*. São Paulo, Cultrix, 1981



essa interpretação traçava um paralelo com a cultura das sociedades desenvolvidas para criticá-las, iniciando o primeiro movimento anticolonialista.

Dos aspectos culturais estudados por esses etnógrafos, a língua tinha um lugar privilegiado.

Um campo muito importante da antropologia cultural é a lingüística, que estuda a história e a estrutura da linguagem. A lingüística é especialmente valorizada porque os antropólogos se apóiam nela para observar os sistemas de comunicação e apreender a visão do mundo das pessoas. Através desta ciência também é possível coletar histórias orais do grupo estudado. História oral é constituída na sociedade a partir da poesia, das canções, dos mitos, provérbios e lendas populares.<sup>8</sup>

Mário de Andrade tem esse espírito de viajante que vai colocá-lo na trilha da Etnografia e do Folclore. Traça um método de pesquisa na vida que está na raiz dessas ciências. É o espírito anticolonialista, e também o espírito curioso, sedento pelo exótico, viajando pelo Brasil como um estrangeiro que descobre um novo continente, e principalmente uma nova língua. Realiza o registro de histórias orais, de lendas e de canções nas proximidades da fazenda do Tio Pio para onde vai desde quando tinha 20 anos em 1913, numa despreziosa atividade artística. Com o advento do Movimento Modernista a partir da Semana de Arte Moderna, em 1922, Mário de Andrade assume uma postura que vai além do artista. Ele é um etnógrafo viajante que tem que ir a campo coletar dados para estudo. Para ele, a arte não é simples fruição, mas uma prática que precisa de métodos e dados como as ciências naturais. Esse é o espírito que surge na viagem que faz com os amigos modernistas para as cidades históricas de Minas Gerais em 1924. Na viagem apelidada de Viagem da Descoberta do Brasil, entra em contato com a cultura popular das povoações ao redor de onde tiraria elementos para as poesias do livro “Clã do Jabuti” com elementos da música popular: as toadas e as modas de viola.

Mário de Andrade passa a se dedicar às leituras de literatura popular e etnografia, se preparando para um momento de síntese, o seu momento de etnólogo. Nas suas influências, nomes que estão entre as grandes tendências que marcaram o pensamento etnográfico.

---

<sup>8</sup> CORRÊA, Alexandre Fernandes. O que você gostaria de saber sobre a Antropologia. O que é Antropologia? O que fazem os antropólogos? IN: <http://www.antropologia.com.br/colu/colu10.html>

As presenças fortes de Tylor, Frazer, Lévy-Bruhl e Freud, além do intuito de tocar as matrizes de um imaginário nosso mediante a invenção artística, deram a forma e o tom a esse período fecundo da atividade literária de Mário de Andrade.<sup>9</sup>

A leitura do livro do etnólogo Koch-Gruenberg, *Vom Roraima zum Orinoco*, repleto de lendas dos índios da amazônia, dá o perfil do seu grande personagem, o anti-herói Macunaíma. As leituras e anotações tomam a forma de uma rapsódia escrita em alguns dias das férias. Na história do livro, o espírito viajante de Mário de Andrade faz o personagem empreender uma viagem pelo Brasil até chegar à cidade de São Paulo. E já aqui está a sua mistura de ficção com a verdade.

Evidentemente não tenho a pretensão de que meu livro sirva pra estudos científicos de folclore. Fantasiei quando queria e sobretudo quando carecia pra que a invenção permanecesse arte e não documentação seca de estudo. (...) Os meus livros podem ser resultado dos meus estudos porém ninguém não estudo nos meus trabalhos de ficção, leva fubeca.<sup>10</sup>

A segunda obra de viajante que Mário de Andrade escreve é justamente um diário de viagem. Ainda revisando o texto de Macunaíma, Mário de Andrade realiza uma “viagem etnográfica” ao Norte pelo rio Amazonas. Com dificuldades de imprimir um caráter de cunho científico devido às várias obrigações oficiais decorrentes da companhia de Dna. Olívia Guedes Penteado, Mário de Andrade ficciona sua pretensão de viajante explorador e etnógrafo. Não podendo descrever com precisão traços culturais dos povos que tem contato, cria costumes em grupos humanos a partir do que vê.

“Mário de Andrade faz uma proposta de gênero para **O turista aprendiz**: a narrativa de viagens. Podemos ver sua proposta dentro do interesse de nossos modernistas pela exploração de novos gêneros, quando em 1926, a narrativa de viagens ficara tão significativamente marcada por **Pathé-baby** (ex-crônica jornalística), livro de Alcântara Machado. Mário enxergará esse tipo de narrativa em duas acepções dentro do hibridismo de seu texto. Teremos a narrativa do cronista, presa à referencialidade (Jakobson), à fixação do real e do verídico, mas, elástica a ponto de permitir que a subjetividade possa dissolver o dado na impressão ou vabrizá-lo no discurso poético. A seu lado, teremos a narrativa do ficcionista que manipula artisticamente tempo e espaço, cria personagens, estabelece pontos de vista ao narrar, experimenta estilos, sabe criar suspense e explorar tensões. Por vezes, desenvolvendo o episódio vivido, ou o caso escutado, transforma-o num verdadeiro conto que poderá ser lido fora de seu

---

<sup>9</sup> BOSI, Alfredo. Situação de Macunaíma em ANDRADE, Mário, *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, edição crítica, Telê Porto Ancona Lopez, coordenadora. Madri...etc. (pg 173)

<sup>10</sup> ANDRADE, Mário. Anotações para o Prefácio em LOPEZ, Tele Porto Ancona, *Macunaíma: a margem e o texto*. São Paulo, Hucitec, 1974.



contexto de origem. Pensamos então em Almeida Garrett, romântico e, com tal, nacionalista, em **Viagens na minha terra**, incorporando um trecho de ficção à sua jornada através de Portugal. Mário, modernista e também nacionalista, fará ficção a partir da própria realidade experimentada ou observada, fazendo questão de explorá-la em dois aspectos: o real, e o ficcional, partindo desse mesmo real.<sup>11</sup>

Essa narrativa etnográfica ficcional está no relato da tribo dos Pacaás Novos ou da tribo dos índios Do-Mi-Sol. Com essas narrativas ele dá conta de seu desejo de viajante etnográfico. Mas Mário de Andrade, que além de escritor era músico, estende sua pesquisa folclórica para além do estudo das tradições orais. Já em 1920 nos seus primeiros momentos de folclorista começa “a coleta de documentos musicais do folclore”. Suas pesquisas nessa área, diferente da literatura, não induziram às recriações, exceto em casos raros. Ainda nesse momento não produz nenhuma obra. Apenas pesquisa. Elas foram, na maior parte das vezes, mais científicas, com o desejo de fornecer material para outros artistas, fazendo parte da pré-história da Etnomusicologia. Ele se sente na obrigação de entregar aos artistas modernistas, dados coletados em campo, para com isso serem capazes de criar a arte brasileira a partir de outros princípios.

## A Etnomusicologia

A Etnomusicologia nasceu com o intuito de estudar os efeitos psicológicos da música no comportamento humano, valorizando a integração da música com os aspectos sociais e culturais de sua criação. Mas apesar disso, ela está mais ligada à atividade artística do que ao campo de estudo das Ciências Humanas.

A Musicologia não nasce no campo epistêmico das Ciências Humanas, e sim no mundo da música do século XVIII, como um estudo que objetivava construir “partituras crítico-interpretativas” da música do passado, como é o caso do período do Barroco Musical (1600-1750).<sup>12</sup>

Assim como a Etnologia, o objeto inicial de estudo eram os povos não letrados, mais especificamente os que se encontravam no ambiente rural e os que eram

---

<sup>11</sup> LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Um projeto de livro* em ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo, Livraria Duas Cidades. 1983.

<sup>12</sup> PIEDADE, Acácio Tadeu de C. Piedade. Etnomusicologia e estudos musicais: uma contribuição ao estudo acadêmico do jazz em [http://www.ceart.udesc.br/Revista\\_Arte\\_Online/Volumes/Etnomusicologia.htm](http://www.ceart.udesc.br/Revista_Arte_Online/Volumes/Etnomusicologia.htm)



de culturas não europeias. A Etnomusicologia como disciplina, não se limita à dimensão sonora da música. Ela tem por objetivo estudar os efeitos culturais que provocam a produção musical e quais efeitos a música provoca nos vários níveis de consciência dos vários povos.

A etnomusicologia é o resultado de um dos encontros entre as ciências humanas no caso, a antropologia e a música (Menezes Bastos 1991, 1995). Ela admite as perspectivas disciplinares constituintes (antropologia e música), o que parece indicar que o encontro em comentário é inesgotável, nele os dois pontos de vista nunca se apagando. No Brasil, a etnomusicologia é uma área em franca consolidação, fortemente ancorada na tradição intelectual do País, especialmente do folclore. Neste campo, ela tem ancestrais de porte comparável aos dos melhores do mundo, como Mário de Andrade, Guerra Peixe, Luiz Heitor Corrêa de Azevedo e outros.<sup>13</sup>

Desde o final do século 18 que uma onda de coleta de música folclórica assolou o mundo, principalmente na Europa. Os motivos que levaram a isso são vários, desde a busca da identidade das nações que iam surgindo, até a valorização do homem “primitivo”, idealizado como sem as imperfeições que incomodavam a vida do homem nos centros urbanos que iam crescendo pela Europa.

Os principais pesquisadores que saíram a campo registrando essas músicas tinham como principal objetivo criar coleções que servissem de fonte inspiradora para a criação dos músicos eruditos. Além de coletar simplesmente a música, eles foram definidores de métodos de identificação cultural e social dos arquivos musicais que coletavam, de modo que essas coleções hoje podem servir também para o estudo de comportamento cultural e sociedade de determinados povos.

É com esse objetivo de coleta em campo que Mário de Andrade realiza uma nova viagem, desta vez ao nordeste, essa sim chamada por ele de “Viagem Etnográfica”. Não que esse contexto já não estivesse na intenção da viagem ao Norte quando faz a crônica “A ciranda” onde descreve as características dessa dança folclórica. Mas sua atitude de viajante pesquisador só toma corpo na viagem ao Nordeste entre dezembro de 1928 e fevereiro de 1929. Essa viagem tinha um objetivo bem mais definido e Mário trabalha um grande período alojado na casa de amigos, documentando as manifestações folclóricas da região, anotando as melodias em partituras e fazendo considerações. O projeto de pesquisa tinha o objetivo de um livro

---

<sup>13</sup> BASTOS, José de Menezes. Etnomusicologia no Brasil: Algumas Tendências Hoje; em Em Antropologia em primeira mão / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995).— Florianópolis : UFSC / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1995 v. ; 22cm

que Mário queria que fosse o maior compêndio de música popular brasileira e que deveria se chamar **Na Pancada do Ganzá**.

Dando continuidade ao seu trajeto de folclorista, o viajante etnográfico, o etnomusicólogo Mário de Andrade estende suas ações pessoais de pesquisa folclórica para o âmbito público. Chamado para ser Diretor do Depto. de Cultura de São Paulo, órgão que ele ajudara a sonhar e criar, Mário de Andrade aprimora seus métodos de coleta do folclore, mais especificamente da música e danças dramáticas. Com o advento também da criação da Universidade, e a presença do casal Lévi-Strauss no Brasil, o Mário de Andrade homem público cria a Sociedade de Etnografia e Folclore.

Em abril de 1936, Mário de Andrade, então diretor do Departamento de Cultura, institui um curso de Etnografia, ministrado por Dina Lévi-Strauss, que tinha sido assistente no Musée de L'Homme, em Paris. Esse curso, organizado sob bases eminentemente práticas, teve como objetivo a formação de folcloristas para trabalhos de campo. Em discurso proferido por ocasião da aula inaugural do curso, Mário de Andrade diz: “Não foi ao acaso que escolhemos a Etnografia, ela se impôs. Quem quer que, mesmo diletantemente como eu, se dedique a estudos etnográficos e procure na bibliografia brasileira o conhecimento da formação cultural do nosso povo, muitas vezes desanima, pensativo, diante da facilidade, da leviandade detestável, da ausência, muitas vezes total, de orientação científica, que domina a pseudo-etnografia brasileira (...). E é principalmente nisto, na colheita da documentação popular que a enorme maioria dos nossos livros etnográficos é falsa (...). Colher, colher cientificamente nossos costumes, nossas tradições populares, nossos caracteres raciais, esta deve ser a palavra de ordem dos nossos estudos etnográficos; e num sentido eminentemente prático vão se orientar os trabalhos deste Curso de Etnografia (...).”<sup>14</sup>

Em seu curso Dina apresenta os pensamentos do etnógrafo Marcel Mauss, Lévy-Bruhl e Paul Rivet, fundadores do Instituto de Etnologia da Universidade de Paris e do antropólogo inglês Loewie que ajudaram na realização dos manuais para o trabalho de campo. Nessas reuniões da Sociedade de Etnografia e Folclore foram pensados também estratégias para melhorar a Etnografia do Brasil entre elas a criação de um museu etnográfico.

A partir dos ensinamentos de Dina Levi Strauss, Mário de Andrade vai cuidar pessoalmente de definir a metodologia de coleta que será realizada pela Missão de Pesquisas Folclóricas que acontece em 1938. Aprofundando as intenções científicas, dessa vez a coleta será feita por meios mecânicos, com a equipe da Missão fazendo o

---

<sup>14</sup> SHIMABUKURO, Elizabete H. BOTANI, Aparecida Sales Linares. AZEVEDO, José Eduardo. Introdução IN: Catálogo da Sociedade de Etnografia e Folclore - Discoteca Oneyda Alvarenga - Centro Cultural São Paulo - Série Catálogo Acervo Histórico.



registro de cerca de 30 horas de música com um gravador Presto Recorder, e filmando quase 1 hora de danças dramáticas.

Junto à Discoteca, Dina oferece o Curso de Etnografia e Folclore orientando os alunos para o trabalho de campo voltado, neste primeiro momento, para a coleta de objetos. Deve-se a ela, provavelmente, a bibliografia à qual Mário de Andrade tem acesso, especializada na coleta de documentação musical em campo: *Esquisse d' une méthode de folklore musical*, de Constantin Brailoiu. Aliás, também é provável que ela tenha conhecido o autor, musicólogo romeno que trabalhou no Museu do Homem ao lado de seus professores. Eis a fonte da metodologia empregada pela Missão de Pesquisas Folclóricas, grupo que o Departamento de Cultura enviará, em 1938, para o Norte e Nordeste.<sup>15</sup>

## A Folkcomunicação

Por fim, uma outra disciplina que se fez para o estudo do folclore, é a Folkcomunicação. Fundada por Luis Beltrão, ela surgiu tendo em vista o estudo do *processo de intermediação entre a cultura das elites (erudita ou massiva) e a cultura das classes trabalhadoras (rurais ou urbanas)*, observando a apropriação que se dá entre elas.

Se num primeiro momento toda a pesquisa folclórica, quer feita pela antropologia como pela etnomusicologia, estava preocupada em estudar as culturas de povos que não eram letrados e principalmente que não tinham contato com os processos modernizantes da nova sociedade industrial, a folkcomunicação passa a estudar as manifestações folclóricas tendo em vista as teorias de comunicação formuladas a partir do advento dos meios de comunicação de massa.

Se as coletas realizadas no século 18 tinham como finalidade criar o documento de uma atividade em extinção, atualmente os registros e a difusão eletrônica passam a estar entre os principais fatores de um crescente interesse da população em participar e recriar as manifestações folclóricas.

O advento da cultura de massa, transmitida pelos meios eletrônicos e a sua influência sobre o folclore era preocupação de Mário de Andrade. Ele defendia nos vários livros de música que publicava, o registro urgente das manifestações folclóricas. A urgência era explicada pelo advento do rádio, uma modernidade que começava a se

---

<sup>15</sup> TONI, Flávia Camargo. Missão: As Pesquisas Folclóricas em Missão de Pesquisas Folclóricas. Sesc SP e Prefeitura da Cidade de São Paulo

alastrar por todo o país e que trazia consigo o medo de transformar e até destruir toda a cultura de origem popular, que era de extrema importância para a formação da identidade brasileira.

Depois do advento do rádio, muitas outras tecnologias e ideologias chegaram com a modernidade, como a televisão, a internet e a globalização. Ao contrário do que imaginavam os Modernistas, as manifestações folclóricas brasileiras não desapareceram, muito pelo contrário, cresceram e influenciaram toda a formação de nossa cultura. Mas também foram influenciadas e tiveram sua função alterada.

Os brincantes se mudaram do campo para a cidade e trocaram de público. Agora não são mais aplaudidos pelos vários colegas de enxada. Foram reorganizados pela estrutura turística formada pelo interesse econômico. A platéia é composta nos dias de hoje por um grupo enorme de pessoas de fora, geralmente vindas de grandes centros urbanos, com suas máquinas fotográficas, filmadoras e minigravadores, e carregam a mesma sensação de Mário de Andrade. Registrar antes que desapareça.

A Folkcomunicação fundada por Beltrão não é uma ciência que tem como principal objetivo o registro e preservação da memória folclórica, mas sim discutir a atualidade dessas manifestações inseridas dentro do contexto da globalização das comunicações.

*Se o Folclore compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas, a Folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos capazes de difusão simbólica de expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural.*

Esta era a compreensão original de Luiz Beltrão, que a entendia como *processo de intermediação entre a cultura das elites (erudita ou massiva) e a cultura das classes trabalhadoras (rurais ou urbanas)*.<sup>16</sup>

Vemos então uma diferença grande entre o estudo do folclore realizado pela Etnografia e o que se propõe a Folkcomunicação. Na Etnografia, para ser considerado folclórico era necessário o não contato com o mundo erudito e com os processos de produção industrial. Na Folkcomunicação, o que vai importar é justamente esse contato, já que ele é praticamente existente em todas os grupos humanos, estabelecendo outras definições para o ato folclórico.

---

<sup>16</sup> MELO, José Marques de. Uma estratégia das classes subalternas in Folkcomunicação: a mídia dos excluídos. Cadernos da Comunicação N. 17. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007.



Beltrão em sua tese reconhece que os meios de comunicação de massa não representam uma onipotência que impõe conceitos, mensagens e padrões. Ele entende que em muitas situações o líder de opinião de uma comunidade pode ter um poder maior de comunicar uma idéia e convencer pessoas. Se esse líder de opinião for conhecedor de rituais próprios do seu povo, ele terá mais poder de unificar pessoas em volta dessas práticas rituais, tradicionais, do que os meios de comunicação de massa terão de orientá-los em uma direção estranha.

As pesquisas de Lazarsfeld, Berelson, Gaudet, Katz, Merton e Kurt Lewin, entre outras, nos Estados Unidos e países subdesenvolvidos, concluíram por contrariar a crença dominante de que os meios de comunicação coletiva eram todopoderosos e exerciam decisiva influência direta na aceitação de novas idéias. Todas as investigações levaram à evidência de que o efeito dos meios – jornais, rádio, televisão e cinema – postos a serviço de grandes campanhas políticas ou sociais, visando a mudar opiniões e atitudes em curto prazo, não era tão eficaz como se imaginava.

Para que a mudança se verificasse, uma outra influência se colocava entre os meios e o grupo afetado – a influência do líder de opinião -, personagem quase sempre do mesmo nível social e de franco convívio com os que se deixavam influenciar, tendo sobre eles uma vantagem: estavam mais sujeitos nos meios de comunicação do que os seus liderados. Conheciam o mundo – isto é, haviam recebido e decodificado as mensagens dos meios, transmitindo-as em segunda mão ao grupo com o qual se identificavam.<sup>17</sup>

Se num momento anterior a Etnografia propunha como metodologia o registro das manifestações folclóricas devido à sua aparente extinção que seria causada pelo advento dos meios de comunicação de massa, com a não evidencialização desse fato, o registro do folclore passou a ser feito pelos meios de comunicação de massa, causando efeitos ainda não muito bem identificados nos participantes dessas manifestações.

O inventário dos mitos cuja permanência ou divulgação está sendo realizada pelos meios de comunicação de massa, em paralelo às formas tradicionais de sua transmissão, constitui parte do estudo da Folkcomunicação, tanto no âmbito da apropriação de elementos da cultura folk pela cultura de massas, como no âmbito da recepção da cultura folk, dos elementos de sua própria cultura, reprocessada pela cultura de massas.

A interação entre os portadores da cultura folk e a cultura de massas causa um efeito ainda pouco analisado nos meios acadêmicos. Ao se apropriar de elementos da cultura folk, os produtores da cultura de massas procedem a uma

---

<sup>17</sup> BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: Conceitos e definições. in Folkcomunicação: a mídia dos excluídos. Cadernos da Comunicação N. 17. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007.



seleção e reprocessamento a fim de tornar tais elementos compatíveis com os padrões e o estilo vigente em seu meio.

Os portadores da cultura folk tomam conhecimento deste reprocessamento, sem que, na maioria das vezes, entendam as razões que levaram às escolhas e remanejamentos procedidos. Considerando o caráter hegemônico da cultura de massas, acabam tentados a reincorporar aqueles elementos com as características massivas introduzidas, de volta, em suas manifestações.<sup>18</sup>

Esta questão muito bem colocada por Benjamin, talvez seja a principal para os estudos da Folkcomunicação nos dias de hoje. Como nenhuma manifestação está livre do contato com a cultura popular realizada nos processos industriais, urbanos, uma nova definição de folclore é necessária, para que possamos estudar maneiras de que o ato folclórico possa se expressar genuinamente no mundo globalizado pelos meios de comunicação eletrônicos.

### Referências bibliográficas

Inserir aqui as referências bibliográficas em fonte Times New Roman, em corpo 11 (onze), com espaçamento simples entre as linhas. As referências bibliográficas, no fim do trabalho, devem ter os dados completos e seguir as normas da ABNT para trabalhos científicos. Cada referência deve ocupar um parágrafo e devem estar separados por dois espaços simples.

ANDRADE, Mário. Anotações para o Prefácio IN: LOPEZ, Tele Porto Ancona, Macunaíma: a margem e o texto. São Paulo, Hucitec, 1974.

BASTOS, José de Menezes. Etnomusicologia no Brasil: Algumas Tendências Hoje; IN: Em Antropologia em primeira mão / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995).— Florianópolis : UFSC / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1995 v. ; 22cm

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: Conceitos e definições. IN: Folkcomunicação: a mídia dos excluídos. Cadernos da Comunicação N. 17. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. A media e os mitos. Artigo do \*V CONGRESSO LATINOAMERICANO DE CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN – ALAIC 2000 26-29 de abril del 2000 Universidad Diego Portales Santiago – Chile IN: <http://www.eca.usp.br/alaic/chile2000/8%20GT%202000Folkcomunicacao/RobertoBenjamin.docGT>

BOSI, Alfredo. Situação de Macunaíma em ANDRADE, Mário, Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, edição crítica, Telê Porto Ancona Lopez, coordenadora. São Paulo: ALLCA XX, 1996.

---

<sup>18</sup> BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara Benjamin. A media e os mitos. Artigo do \*V CONGRESSO LATINOAMERICANO DE CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN – ALAIC 2000 26-29 de abril del 2000 Universidad Diego Portales Santiago – Chile em <http://www.eca.usp.br/alaic/chile2000/8%20GT%202000Folkcomunicacao/RobertoBenjamin.docGT>



BURKE, Peter. A cultura popular na idade moderna. São Paulo, Cia. Das Letras, 1989  
CORRÊA, Alexandre Fernandes IN: <http://www.antropologia.com.br/colu/colu10.html>

FRADE, Cáscia. Folclore/Cultura Popular: Aspectos de sua História. IN:  
[http://www.unicamp.br/folclore/Material/extra\\_aspectos.pdf](http://www.unicamp.br/folclore/Material/extra_aspectos.pdf)

NETO, Paulo de Carvalho. The Concept of folklore. Florida. University of Miami Press. 1971

LOPEZ, Telê Porto Ancona. Um projeto de livro IN: ANDRADE, Mário de. O turista aprendiz. São Paulo, Livraria Duas Cidades. 1983.

MELO, José Marques de. Uma estratégia das classes subalternas IN: Folkcomunicação: a mídia dos excluídos. Cadernos da Comunicação N. 17. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007.

PIEIDADE, Acácio Tadeu de C. Piedade. Etnomusicologia e estudos musicais: uma contribuição ao estudo acadêmico do jazz IN:  
[http://www.ceart.udesc.br/Revista\\_Arte\\_Online/Volumes/Etnomusicologia.htm](http://www.ceart.udesc.br/Revista_Arte_Online/Volumes/Etnomusicologia.htm)

POIRIER, Jean. História da Etnologia. São Paulo, Cultrix, 1981

SHIMABUKURO, Elizabete H. BOTANI, Aparecida Sales Linares. AZEVEDO, José Eduardo. Introdução IN: Catálogo da Sociedade de Etnografia e Folclore - Discoteca Oneyda Alvarenga - Centro Cultural São Paulo - Série Catálogo Acervo Histórico.

STRINATI, Dominic. Cultura popular: uma introdução. São Paulo, Hedra, 1999

TONI, Flávia Camargo. Missão: As Pesquisas Folclóricas em Missão de Pesquisas Folclóricas. Sesc SP e Prefeitura da Cidade de São Paulo